

VIRTUALBOOKS



CONTOS DE

Hans Cristhian Andersen

Apoio:



Patrocínio:



Realização:



A VELHA MANSÃO

Hans Christian Andersen

Contos de Hans Christian Andersen

Hans Christian Andersen nasceu em Odensae, em 2 de abril de 1805, e faleceu em Conpenhague em 1875. Autor de inúmeros contos infanto-juvenis, traduzido por todo o mundo. Considerado por muitos com o pai da Literatura Infanto-Juvenil. Temos aqui uma seleção de seus melhores contos.

A VELHA MANSÃO

AQUELA velha mansão! Tinha perto de trezentos anos, como se podia ver por uma inscrição gravada numa viga, no meio de uma guirlanda de tulipas. Sob a porta podiam-se ler versos escritos na ortografia antiga, e sob cada janela estavam esculpidas figuras que faziam caretas engraçadas.

A casa tinha dois andares e no teto havia uma goteira terminada por uma cabeça de dragão. A chuva devia escoar-se na rua por essa cabeça; mas ela se escoava pelo ventre, pois a goteira tinha um buraco no meio.

Todas as outras mansões daquela rua eram novas e próprias, ornadas de grandes azulejos e muros brancos. Pareciam desdenhar a sua velha vizinha.

“Quanto tempo ainda este barraco vai ficar aqui?“, pensavam elas; “tira-nos toda a vista de um lado. Sua escadaria é larga como a de um castelo e alta como a da torre de uma igreja. A grande porta de ferro maciço parece a de uma antiga sepultura, com seus botões de couro. Que coisa! Imaginem só!”

Numa dessas lindas mansões, na frente da velha, estava na janela um menino de rosto alegre, faces coradas e olhos brilhantes.

Gostava muito da velha mansão, tanto à luz do sol como ao clarão da lua. Ele se divertia em copiar as cabeças que faziam caretas, os ornamentos que representavam soldados armados e as goteiras que se pareciam com dragões e serpentes.

A velha mansão era habitada por um homem idoso que usava calções curtos, um casaco com botões de couro e uma imponente peruca.

Nunca se via ninguém, exceto um velho doméstico, o qual, todas as manhãs, vinha arrumar seu quarto e fazer compras. Algumas vezes olhava para a janela e

então o menino o cumprimentava amistosamente; nosso homem respondia e assim eles se tornaram amigos sem nunca se terem falado.

Os pais do menino diziam sempre: “Esse velhote daí em frente parece estar à vontade; mas é uma pena que viva tão só.”

Eis por que o menino, num domingo, depois de ter embrulhado algo num pedaço de papel, foi para a rua e disse ao velho doméstico: “Ouça, se você quisesse levar isto ao velho senhor lá em frente, me daria um grande prazer. Tenho dois soldados de chumbo, e dou-lhe um, para que ele não se sinta tão só.”

O velho doméstico executou o encargo com alegria e levou o soldado de chumbo para a velha mansão. Mais tarde, o menino, convidado a visitar o ancião, correu para lá com a permissão de seus pais.

No interior a maior arrumação reinava por todos os lados; o corredor estava ornado de antigos retratos de cavaleiros em suas armaduras e de senhoras com vestido de seda. No fundo desse corredor havia uma grande varanda, pouco sólida, era verdade, mas toda guarnecida de folhagens e de velhos vasos de flores que tinham por alças orelhas de asno.

A seguir o menino chegou ao aposento onde estava sentado o ancião. “Obrigado pelo soldado de chumbo, meu amiguinho - disse este último; obrigado pela sua visita!”

- Disseram-me, replicou o menino, que você estava sempre sozinho; eis por que enviei-lhe um de meus soldados de chumbo para fazer-lhe companhia.

- Oh! replicou o velho sorrindo, nunca estou totalmente sozinho; muitas vezes velhos pensamentos vêm me visitar e agora você vem também; não posso queixar-me”.

A seguir ele apanhou numa estante um livro de figuras onde se viam procissões magníficas, carruagens estranhas, como não existem mais e soldados levando o uniforme de valete-de-paus.

Viam-se ainda as suas corporações com todas as suas bandeiras: a dos alfaiates levava dois pássaros sus-tidos por dois leões; a dos sapateiros estava ornada com uma águia, sem sapatos, é verdade, mas de duas cabeças. Os sapateiros gostam de ter tudo em dobro, a fim de formarem um par.

E, enquanto o menino olhava as figuras, o ancião ia até o aposento vizinho procurar doces, frutas, biscoitos e avelãs. Na verdade a velha mansão não era desprovida de conforto.

“Nunca poderia suportar essa existência, dizia o soldado de chumbo, colocado sobre um cofre. Como tudo aqui é triste! Que solidão! Que infelicidade encontrar-se em semelhante situação, para quem está acostumado à vida de família! O dia não acaba nunca.

Que diferença da sala onde seu pai e sua mãe conver-

savam alegremente e você e seus irmãos brincavam! Este ancião, na sua solidão, jamais recebe carícias; não rir e sem dúvida passa o Natal sem a sua árvore. Esta habitação se parece com uma tumba; eu nunca suportaria uma tal existência”.

- Não se lamente tanto - respondia o menino - pois eu gosto daqui: e depois você sabe que ele recebe sempre a visita de seus velhos pensamentos.

- E' possível, mas eu nunca os veio; nem os conheço. jamais poderia ficar aqui!

- No entanto, é preciso ficar.

O velho voltou com um rosto sorridente, trazendo os doces, as frutas e as avelãs e o menino não pensou mais no soldadinho de chumbo.

Após ter-se regalado, voltou contente e feliz para a sua casa; e não deixava de fazer um sinal amistoso ao seu velho amigo, de cada vez que o percebia na janela.

Algum tempo depois, ele fez uma segunda visita à velha mansão.

“Não posso mais!”, disse o soldadinho de chumbo; aqui é muito triste. Tenho chorado chumbo derretido! Gostaria mais de ir para a guerra, arriscando-me a perder pernas e braços. Pelo menos seria uma mudança.

Não agüento mais! Agora já sei o que é a visita dos

velhos pensamentos; os meus vieram me visitar, mas sem dar-me o menor prazer. Eu os via na casa em frente, como se estivessem aqui. Assisti à prece matutina, às suas lições de música e me achava no meio de todos os outros brinquedos. Ai de mim!

Não passavam de velhos pensamentos. Diga-me como se comporta a sua irmã, a pequena Maria. Dê-me notícias também do meu camarada, o outro soldado de chumbo; ele tem mais sorte do que eu. Não posso mais, não posso mais.

- Você não mais me pertence - respondeu o menino - e eu não tomarei aquilo que dei de presente. Entregue-se à sua sorte.

O ancião trouxe para o menino umas figuras e um jogo de antigas cartas, enormes e douradas, para divertilo. A seguir abriu o seu clavicórdio, tocou um minueto e cantarolou uma velha canção.

“À guerra! à guerra!”, gritou o soldado de chumbo. E atirou-se ao chão.

O ancião e o menino quiseram levantá-lo, mas procuraram por todos os lados sem conseguir encontrá-lo. O soldado de chumbo caíra numa fenda.

Um mês mais tarde era inverno e o menino soprava as vidraças a fim de fundir o gelo e limpar o vidro. Dessa maneira ele poderia fitar a velha mansão da frente. A neve cobria completamente a escadaria, todas as inscrições e todas as esculturas. Não se via ninguém, e,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

